



Fotojornalismo: uma história de espetáculos

Atílio Avancini **1**

Resumo: Uma entrevista com o professor e pesquisador francês Thierry Gervais, tendo como objeto uma reflexão sobre as concepções e as práticas do fotojornalismo mundial.

Palavras-chave: fotojornalismo, reportagem fotográfica, linguagem visual, ética.

Abstract: An interview with french professor and researcher Thierry Gervais, focusing on the conceptual and practical aspects of photojournalism worldwide.

Key words: photojournalism, photographic reporting, visual language, ethics

1 Apresentação

Nesta entrevista, Thierry Gervais, professor universitário e editor da revista *Études Photographiques*, manifesta sua opinião sobre aspectos históricos e contemporâneos do fotojornalismo. A entrevista foi realizada no Café Français, em Paris, próximo à praça Bastille - naturalmente, um café é algo que interage bem entre um francês e um brasileiro. A conversa foi gravada e realizada em língua francesa. Dialogamos sobre as recentes mudanças no jornal francês *Le*



1 Professor da ECA-USP.
avancini@usp.br

Monde, último bastião do jornalismo literário, cedendo finalmente à veiculação de fotografias em suas páginas e competindo mais diretamente com o seu concorrente direto, o jornal *Libération*. Gervais afirma categórico: "questões comerciais". Assim, prazer, distração, beleza, espetáculo - via imagens - começaram a invadir, ainda que discretamente, o tradicional *Le Monde*. Hoje, é praticamente impossível qualquer mídia impressa ou eletrônica dispensar o uso da informação fotográfica. Ela faz parte da notícia e do próprio acontecimento. Partindo-se do princípio de que a fotografia não se reduz ao aperto do disparador da máquina, buscamos neste diálogo refletir sobre esta sociedade dominada pelos aparelhos e pelas imagens. A seguir, apresento em forma de narrativa cinco textos discutidos por Gervais: fotojornalismo, jornais modernos, revistas ilustradas, reportagem fotográfica, ética.

2 Fotojornalismo

Esta profissão agrupa pessoas realizadoras de imagens destinadas a ilustrar a imprensa. Estou intimamente convencido de que a imagem ilustra: no fotojornalismo, a imagem, só, não funciona. Não há particularidade, característica ou definição para que uma imagem seja de imprensa, ela torna-se de imprensa a partir do momento de sua publicação. Para conferir isto basta olhar os 166 anos de história da fotografia e o encontro da fotografia com a imprensa. Tudo é uma história de espetáculos. E, para cada sociedade, seus espetáculos. Uma fotografia no século XIX, certamente, tinha problemas técnicos, e isso deve ser levado em conta, como também a própria sociedade da época. Por exemplo, a Guerra da Criméia, fotografada por Roger Fenton em 1855, não mostrava cadáveres. Um cadáver não se movimenta - seria fácil de se fotografar -, mas só há registros das balas de canhão. A guerra não era ilustrada como agora. Hoje, não hesita-se em mostrar cadáveres: espetáculo do horror.

3 Jornais modernos

Eles foram contruídos em torno da imagem, representação plástica aplicada que ainda não existia plenamente no final do século XIX. Um dos primeiros a utilizar este recurso foi um jornal esportivo parisiense, em 1897, que chamava-se *La Vie en Grande Terre* (A Vida na Grande Terra). Abria-se também ao turismo e lazer. Representando aquela sociedade, este jornal, pautado no esporte, era ilustrado com fotografias. A imprensa ilustrada foi criada num momento chave, era obrigada a renovar seus objetos - a imprensa de opinião estava no fim. Balzac e Dumas ainda escreviam romances e mantinham bem suas clientelas. Mas precisava haver outro foco para manter a viabilidade comercial. Assim, surgiram os jornais ilustrados de atualidade, que foram criados em torno da imagem: uma ferramenta para seduzir uma classe social suficientemente afortunada para comprar os caros jornais. Ofereciam uma instrução fácil: a imagem era entendida como vertente pedagógica. Afirmou-se a objetividade da informação. Assim, o jornal moderno construiu-se com a idéia da imparcialidade, mas também de espetáculo e prazer. E evoluiu em função do espaço e do tempo. Quer dizer, não foi um espetáculo igual. Todavia, o espetáculo sempre esteve presente. E foi preciso legitimá-lo. E isso não é suficientemente nobre, sobretudo quando pensamos em imprensa.

4 Revistas ilustradas

A imprensa é um objeto de mercado, um dado essencial numa sociedade industrial e capitalista. O interesse em agradar e seduzir o público leitor ordenará as revistas ilustradas nos anos 1920 e 1930. A grande diferença deste período foi a utilização dos recursos da vanguarda artística dos anos 1920, baseados no movimento alemão da Bauhaus e no trabalho fotográfico do russo W. Rodtchenko. No entre-guerras, o interesse maior das revistas foi a fotografia autoral, a partir da qual o texto deveria se ordenar. Na França, a revista *Vu*, ou mesmo *Regards* (imprensa comunista francesa), articularam-se em torno da imagem. Este é o momento das mais belas imagens em "contre-plongé" (contra-mergulho) publicadas em páginas inteiras.

5 Reportagem fotográfica

É um gênero que já existia no século XIX. A reportagem fotográfica é um marco dos anos 1930, construindo-se em torno de grandes personagens-chave como André Kertész e Henri Cartier-Bresson - uma construção historiográfica. Kertész e Bresson partiram em viagens e fizeram grandes reportagens. Havia, evidentemente, Robert Capa registrando a Guerra Civil Espanhola, evento que reuniu toda a condição para a criação desse tipo de imagem. Capa era engajado politicamente do lado republicano e contra o general Franco - havia riscos na produção -, suas imagens foram publicadas na imprensa mundial. É daí que vem a idéia do reportagem fotográfica como aventureiro: vai denunciar e salvar o mundo. Um mito. Ressalto que, no pós-guerra, a fotografia de imprensa organiza-se. As grandes agências fotojornalísticas tornaram-se muito eficazes e os fotógrafos começaram a cobrir bem os eventos. Hoje, basta ir ao festival da cidade francesa de Perpignan para se dar conta da quantidade de fotojornalistas. É engraçado e triste ao mesmo tempo. Por exemplo, dificilmente o fotógrafo encontra compradores de seu material imagético da Chechênia. Este tipo de fotojornalismo não encontra lugar a ser publicado. E ele se agarra às galerias, um local de boas vendas. O repórter fotográfico como aventureiro e salvador do mundo não existe mais.

6 Ética

Os fotógrafos podem ter uma ética louvável e pode haver uma consciência individual. Mas o problema é que eles não controlam o comando editorial. E, se o redator-chefe decide publicar uma imagem ao lado de outra e criar um duplo sentido, o fotógrafo perde a sua ética. Assim, a questão da ética é talvez mais pertinente de ser colocada a um diretor de arte. Por exemplo, pode-se dizer que uma coisa é o seu inverso com a imagem. Temos dados na imprensa: o retrato do super presidente da República de tal país e, a mesma imagem - um pouco escura e numa cópia diferente -, referindo-se ao insuportável presidente da República. Tudo depende de quem dirige, de quem fala e de quem difunde.